

REVISTA DE
ESTUDOS E
INVESTIGAÇÕES
ANTROPOLÓGICAS

Ontologias, descolonização e antropologia pós-contemporânea

Palloma Cavalcanti Rezende Braga¹ 

Sirley Vieira da Silva² 

Universidade Federal de Pernambuco
Recife – PE – Brasil

Nota dos organizadores

O presente Dossiê, *Ontologias, Descolonização e Antropologia Pós-contemporânea*, reúne análises e reflexões de variadas culturas e expressões culturais de maneira ontológica, fomentando o debate que incide sobre a descolonização (e decolonização) do pensamento cultural, marcado pelo profundo desejo de finalmente evidenciar uma era pós-colonial e (pós-imperial) no planeta. O objetivo de produzir o conhecimento ultrapassando a hegemonia das ideias analíticas “hegemônicas” certamente destaca olhares diversos, acompanha também uma outra perspectiva,

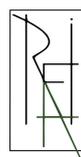
1 Doutora e mestre pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco; e bacharel em Ciências Sociais por esta mesma Universidade. É pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Etnicidade (PPGA-UFPE) desde 2008, onde desenvolve atividades voltadas para estudos e pesquisa científica sobre relações interétnicas e interculturais, processos identitários, e Etnicidade e Saúde. É professora no curso de Pós-graduação *Latu Sensu* da Fundação Joaquim Nabuco. Possui experiências com Programas e Projetos institucionais e de entidades com atenção às Políticas Públicas que atendem diferentes questões que envolvem a diversidade e inclusão social no Brasil, em especial, com ações nos campos de Etnicidade e Saúde Indígena, contribuindo ainda com ações no campo do Patrimônio Imaterial e do Licenciamento Ambiental. É filiada à Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e membro do corpo editorial da Revista Mucunã (NEPE-UFPE). Email: palloma.braga@ufpe.br

2 Doutor em Antropologia pelo PPGA-UFPE (2025); Mestre em Antropologia pela UFPE (2013); Possui graduação em Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (2006); Graduação em Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (2005). Atualmente é professor substituto no Centro de Educação (UFPE). Coordenou projetos sobre migração e comunidades Indígenas na Cáritas Arquidiocesana de Olinda e Recife (2021 à 2023); Atuou como Gestor de Igualdade Racial do Estado, como também geriu a política de migração de Pernambuco (2023 a 2025); Foi integrante da coordenação colegiada Instituto Papai, como também atuou como educador, assistente de projetos e coordenador de projetos; Pesquisador, educador no campo dos direitos humanos; Prestou assessoria em pesquisa sobre gênero, juventude e trabalho para o Banco Mundial; Tem grande experiência em pesquisas na área de Antropologia, com ênfase em saúde, trabalho, violência, sexualidade, masculinidades e populações indígenas. Email: sirley.vieira@ufpe.br

promovida pelo que se denominou chamar de “virada ontológica”, cujos escritos são resultados de impressões e análises pensadas no conjunto das importâncias estruturais do pensamento coletivo. O esforço desta publicação soma para a continuidade e para o avanço da jornada de interação entre ciência e sabedoria tradicional; modos de vida e de estar no mundo; e diminui as distâncias entre os mundos e entre a Antropologia com outras ciências. A Antropologia é palco da maestria entre o conhecimento científico e as sabedorias tradicionais e este Dossiê Multicultural constata essa informação decolonial e descolonial.

Além de abarcar versões analíticas e teóricas das experiências dos diferentes mundos, os escritos aqui selecionados procuram o local da aplicabilidade antropológica como forma de acolher múltiplas experiências e modos de vida de maneira prática e não só por um reconhecimento alienado e alheio na sistematização das diferenças. Assim, o Dossiê reúne produções a partir de investigações científicas no mundo das novas e velhas descobertas no ambiente dos indígenas e suas artes; no mundo cosmológico dos povos africanos; no mundo das diferenças entre os Gêneros; no respeito a cosmologia dos elementares tradicionais que formam concepções de saúde e cultura; e, sobretudo, nas interações respeitadas da vida cotidiana com as diferenças que são arrebatadoras de admiração.

O artigo que abre o debate do Dossiê é do professor titular do PPGA-UFPE, Renato Athias, intitulado *Diversidade cultural, medicinas indígenas e interculturalidade na era das novas tecnologias digitais*. O professor trata de argumentar em favor de uma reposição das medicinas indígenas em um lugar de reconhecimento e diálogo, afirmando tendências folcloristas e padronização biomédicas como locais de redução do conhecimento médico tradicional e, portanto, suas inviabilidades na eficácia dentro de um sistema intercultural (e xamânico). Renato chama atenção para as transformações sociais e sobre a circulação dos saberes indígenas, enfatizando a necessidade da capacitação e formação de profissionais da saúde, para atuação em contextos indígenas de cenários híbridos e de fluxos midiáticos. O artigo chama atenção para o desafio do Estado em lidar com a diversidade cultural na experiência da doença e nas versões de bem-estar e também para o desafio dos cuidados que irrompem nas melhorias da qualidade dos serviços de saúde que atendem os povos originários. Portanto, a promoção do conhecimento sobre “interculturalidade em saúde” é uma prioridade no artigo dele, onde se pode refletir sobre o aspecto dual das tecnologias na questão intercultural, pois tanto elas podem fortalecer quanto podem ameaçar a continuidade dos saberes tradicionais. A produção também destaca, no contexto de uma crítica, a reunião de dados estatísticos sobre a realidade indígena no Brasil que são referenciados

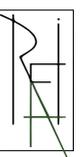


nos censos nacionais; assim como valida a importância da autoidentificação e da participação da comunidade indígena no processo de coleta de dados e na definição de políticas que afetam suas vidas.

O segundo artigo apresentado revela simetria com o que é analisado por Renato. *Da cólera ao vírus Zika: notas sobre ciência e conhecimento em tempos de crise*, de Gabriel Ferreira de Brito, propõe discutir a relação entre conhecimento e ignorância e um contraponto entre conhecimento e poder na concepção de saúde e doença, especialmente em atenção às epidemias da Zika e da Cólera. O artigo possui a intenção de promover um diálogo menos bilateral entre a ciência moderna e os saberes tradicionais sobre epidemias, assim como reconhece a estigmatização no *status* social acerca das práticas diferenciadas da cura e prevenção de enfermidades. Identificando um cenário político “de conflito racial entre médicos (ciência) e curandeiros (saberes)”, o autor confronta a questão da eficácia na alienação de questões ontológicas culturais sobre a corporalidade. Neste artigo, Gabriel dialoga com vários autores da Antropologia e das ciências afins, trazendo análises fundamentais para pensar práticas médicas e concepções diferenciadas de saúde, corpo e doença, sendo uma contribuição valiosa no campo da Antropologia da Saúde.

O artigo *Nós Mundu, Nós Lógika: Ontologias Cabo-Verdianas e o Desafio da Tradução na Antropologia Pós-Contemporânea*, de Carlos Alves Gomes dos Santos, propõe pensar sobre as singularidades que atravessam as análises antropológicas das culturas diferenciadas e dos diferentes mundos, através das categorias nativas das ontologias cabo-verdianas da Ilha do Fogo. *Nós mundu e nós lógika*, expressões que revelam concepção de mundo baseada nas relações sociais e cosmológicas, são pensamentos inseridos no *Bem Viver* da Etnicidade africana onde o dualismo dos conceitos culturais próprios são independentes do dualismo moderno (e científico) e são abordados dentro do próprio emaranhado do dualismo cosmológico (Viveiros de Castro, 1996). Essa compreensão é classificada por Carlos como um desafio epistemológico, ético e político, pois impõe um modo de fazer Antropologia sensível às cosmologias africanas, reverberando numa crítica aos processos coloniais que se apresentam como ilógicos nas culturas africanas. Numa escrita rica na abordagem de fenômenos elementares do mundo cosmológico e cultural de Cabo Verde, o autor dialoga com tradução, epistemologia e fazer antropológico; com as dicotomias da modernidade ocidental e com os norteadores da análise da virada ontológica.

Já no artigo *Presença trans e travesti na Antropologia*, de Azzy Melo de Sousa, podemos refletir como pessoas transexuais ocupam os espaços acadêmicos e do saber e como essas perspectivas desafiam as epistemologias e ontologias atuais. A partir de uma análise empírica do evento “I Seminário de Antropologia do Centro-Oeste: retomadas e resistências no Brasil



contemporâneo”, a autora solidifica uma crítica sobre a exploração econômica e a imposição cultural da sociedade colonial ao gênero e aos corpos, apontando para a necessidade de práticas teóricas e políticas que questionem as bases estruturantes da modernidade/colonialidade. Propondo a descolonização como inseparável de um debate sobre corpos, Azzy nos concede um ensaio interessantíssimo a partir dos escritos de várias antropólogas, em sua maioria, nordestinas, negras, artistas e travestis, afirmando que suas experiências reinventam a epistemologia antropológica a partir de seus próprios corpos.

O quinto texto da coletânea é o artigo *Ampliando el concepto de identidad a partir de las cosmovisiones indígenas*, de autoria de um conjunto de pesquisadores na área de Psicologia: Sandra Patricia Acosta Salazar, Larissa Niemann Pellicer e James Ferreira Moura Jr. Os autores focalizam observações nas análises do psicólogo social Antônio da Costa Ciampa, e o seu pensamento análogo sobre questões de cosmologia e identidade, buscando ampliá-las a partir dos modos de pensar dos povos Mbya Guarani (Rio Grande do Sul, Brasil), Nasa (Cauca, Colombia), Tapuya-Kariri, Karão-Jaguaribaras e Pitaguary (Ceará, Brasil), discutindo múltiplas concepções e afirmações de identidade, aproximando o olhar sensível e multidisciplinar que compõe a descrição das cosmologias indígenas. Para tal, os autores abordam os aspectos das diferentes possibilidades de ser, do território sagrado e dos rituais de cura. A interpretação posiciona o pensamento social num fluxo das concepções que atendem a “mim mesma” e “as concepções dos outros sobre mim”, reportando o caráter constante e atemporal da identidade étnica. Nesse artigo, vemos referenciadas importantes temáticas da Antropologia tradicional, como a *Couvade*, a produção de identidades, a cosmovisão e o Totemismo. O texto traz a constituição cosmológica que se envolve ao ritual Toré através de interpretação das narrativas. Realiza um fundamental contraponto a respeito da identidade do homem moderno, cada vez mais fixado em uma dada identidade, com os aspectos da reciprocidade, do afeto e da espiritualidade nos contextos indígenas observados, bem como referência o local fronteirístico das experiências indígenas coloniais e que lhes foram danosas a suas ontologias. Assim, o artigo chama atenção para uma questão fundamental na epistemologia Antropológica, a comunicação indígena a partir das interpretações das narrativas.

A entrevista realizada por Kalina Vanderlei Silva, Anderson Vicente da Silva e Aline Cândida de Araújo com Jé Hãmãgãy, intitulada *Arte indígena como resistência: entrevista com Jé Hãmãgãy*, promove um diálogo sobre temas como racismo, mercado de arte, produção e estéticas. Os autores procuram compreender como as narrativas das experiências podem refletir para além do estilo artístico específico, mas também em torno das relações sociais, das cosmologias e das lutas



por reconhecimento e visibilidade promovidas por artistas indígenas. A entrevista é marcada pelas memórias e ancestralidades num movimento de reparação histórica e a reafirmação de possibilidades de demarcação de territórios simbólicos.

O ensaio fotográfico *Horizontes Descolonizados: Fotografia, Ontologias e a Reinvenção dos Espaços*, de Sávio Augusto Tavares Texeira, partilha conosco uma experiência reflexiva sobre momentos e imagens de um encontro estudantil, revelando primorosa conceitualização sobre a fotografia - em seu valor documental frente aos limites por ela ocasionada no fluxo contínuo da vida - sem desmerecer a produção do conhecimento refletida na imagem “congelada”. O autor (e fotógrafo) amplia a relação com a imagem diante das dinâmicas de jovens universitários oriundos de diferentes cidades do Brasil, referenciando prática de compartilhamento de saberes numa interação que, segundo o autor, desafia hierarquias epistemológicas estabelecidas. As diferentes versões ontológicas e urbanas se entrelaçam em diálogo frutífero, é isso que nos impressiona nas imagens.

Esperamos ter reunido um conjunto multicultural ontológico de igual propósito: o respeito às diferenças e a descolonização da disciplina antropológica. Desejamos ao leitor bom proveito das leituras!

Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Esta licença permite compartilhar o material para fins não comerciais, desde que seja dado o devido crédito à obra original, sem modificações. Texto da Licença:

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

